**EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: DIFICULDADES ENFRENTADAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Francisco Eden Soares Marcos

Discente do Curso de Educação Física – CAMEAM/UERN

E-mail: [eden14\_eu@hotmail.com](mailto:eden14_eu@hotmail.com)

Fernanda de Oliveira Silva

Docente do Curso de Educação Física – CAMEAM/UERN

E-mail: [nandamadrid5@hotmail.com](mailto:nandamadrid5@hotmail.com)

O presente estudo traz a luz a Educação Física Adaptada utilizando de reflexões discutidas na disciplina de Educação Física para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais no Curso de Licenciatura em Educação Física e das atividades de Prática Como Componente Curricular – PCCC desenvolvidas ao longo desta. Tem como objetivo refletir sobre as dificuldades enfrentadas no processo de formação docente no tocante ao desenvolvimento de atividades voltadas à Educação Física Adaptada. Além disso, procurou-se discutir sobre as carências dos profissionais frente aos indivíduos que apresentam alguma deficiência e estabelecer uma relação entre o profissional e a prática docente com os alunos, tecendo reflexões a partir de autores como Suraya Darido (2003), Lima e Brito (2005), Gauderer (1993), e Cidade e Freitas (2002). O estudo contou com a participação de 1(um) aluno com deficiência de uma escola pública de Pau dos Ferros. Desse modo, diante das vivências percebemos que uma das maiores dificuldades consistiu em trabalhar e desenvolver oficinas para esse aluno, dificuldades estas que partem do conhecimento inicial sobre como se trabalhar com o aluno com deficiência, até a forma que a família o trata e a escola em que o mesmo está inserido, se oferece uma educação igualitária aos demais que não possuem deficiência, pois esse na maioria das vezes mostrava uma participação e apreço por aprender algo novo, mas ao mesmo tempo uma rejeição em realizar qualquer atividade.

**Palavras-chave:** Educação Física Adaptada. Formação Docente. Pessoas com Deficiência.

**INTRODUÇÃO**

A Educação Física ao longo de sua história vem trabalhando com o movimento do corpo de maneira cada vez mais diversificada o que sugere a participação de diversos tipos de corpos. Com essa diversidade, nas escolas é cada vez mais frequente a presença de alunos com deficiência, principalmente quando se refere as aulas de Educação Física em que os corpos estão cada vez mais em movimento. Essa realidade de diversificação e inclusão das pessoas com deficiência veio se modificando a partir da Constituição Federal de (1988) e a implementação da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9394/96) obrigam as escolas a receberem todos os indivíduos portadores de deficiência. Oliveira (2005) afirma que a Educação Brasileira ao se esforçar para dar conta do desafio da inclusão na qual é imposta, vem propondo formas educacionais alternativas para a concretização da igualdade. E é dessa forma que a presença dos alunos com deficiência na escola contribui para que a mesma se adapte e se prepare, modificando inclusive a visão em relação ao aluno com deficiência, percebendo-o como uma pessoa que tem os mesmos direitos de usufruir da escola como as outras crianças.

Mas, será que existe um processo de formação que auxilie os professores a trabalhar com esses alunos? Será que os professores estão ou se sentem preparados para efetuar atividades com esses alunos que estão nesse processo de inclusão? A inclusão deve, necessariamente, permitir o princípio de igualdade e equidade e de direitos. Segundo CIDADE e FREITAS (2002, p.26):

A inclusão é um processo que exige transformações, pequenas e grandes nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com necessidades especiais, com o objetivo de se alcançar uma sociedade que não só aceite e valorize as diferenças individuais humanas, por meio da compreensão e da cooperação.

Dessa forma, com o objetivo de refletir sobre as dificuldades enfrentadas no processo de formação docente no tocante ao desenvolvimento de atividades voltadas à Educação Física Adaptada, o presente trabalho buscou também retratar toda a Prática como Componente Curricular – PCCC da disciplina de Educação Física para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAMEAM/UERN) trazendo relatos dos acontecimentos dessa prática. Essa disciplina está cadastrada na grade curricular do curso como disciplina obrigatória constando sua matricula no penúltimo período do curso (sétimo período).

Trazendo saberes e fundamentações que abordam a deficiência encontrada e observada na prática (autismo); o estudo também contou um pouco sobre a história da escola e como ela se porta diante de uma educação para deficientes, e contextualiza também sobre como o aluno convive em sala de aula e em casa traçando perspectivas para entendermos e elaborarmos aulas adaptadas que visem a participação de alunos com deficiências. Finalmente, buscamos ideias e reflexões que possam servir de base para o processo de formação de um futuro professor de educação física que possa trabalhar com a Educação Física Adaptada de maneira consciente.

**NOSSOS SUJEITOS, NOSSA REALIDADE**

Segundo Darido (2003) a Educação Física nas escolas, em meados da década de 1980, apresentou mudanças em suas concepções, em um processo que envolve diversas transformações. Dessa evolução participa também o princípio da inclusão, que exige modificações para que as escolas trabalhem com alunos com deficiência, juntamente com os demais alunos.

No campo de pesquisa escolhido (Escola Municipal São Benedito do município de Pau dos Ferros/RN) por mais que a (as) professoras sejam formadas como pedagogas e trabalhem essa iniciação de conteúdos com os alunos das mais diversas formas, nota-se uma dificuldade apresentada pelas mesmas em trabalhar com alunos com deficiência.

As escolas que usam os métodos inclusivos propõem um modo de organização que considera as necessidades de todos os alunos, mas percebe-se que essa inclusão causa uma mudança e adaptação em toda a perspectiva educacional. Dessa forma, a inclusão passa a ser vista como um sistema que estabelece a inserção do próprio aluno com deficiência a um grupo de outros alunos que não passam por processos de exclusão.

Segundo Lima e Brito (2005) dentro dessa perspectiva, a formação de todos os envolvidos na inclusão é condição indispensável para o sucesso da proposta, aliado evidentemente à assistência às famílias para que haja de fato uma sustentação aos que estão diretamente implicados com as mudanças. A preparação do professor na sua formação inicial muitas das vezes é falha, pois, há um choque do que foi aprendido pelo professor, na teoria, e sua aplicação na prática, já que os futuros professores esperam que, em seus cursos de formação, lhes ensinem receitas prontas de como trabalharem na sala de aula.

No campo da pesquisa foi perceptível em conversas com as professoras da escola que essa dificuldade de adaptação as necessidades desses alunos deficientes e como trabalhar com eles na sala de aula de ensino regular, exige manejo e preparo que só se dá com muito estudo e vivências. Percebemos também, conforme abordam as professoras, que devido a pesquisas o processo de ensino-aprendizagem se tornou menos complexo, porém a dificuldade é enorme, pois não existiu na sua formação uma disciplina que prepare para esse tipo de ensino, então o aprendizado é dia-a-dia conforme as aulas vão acontecendo.

O aluno observado nesse estudo é da turma do 3º ano do ensino fundamental I e é diagnosticado com Autismo, tendo um CID (CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DA DOENÇA) F70 que é um retardo mental leve, amplitude aproximada do QI 50 e 69 adultos (em idade mental de 9 a menos de 12 anos) provavelmente com dificuldade de aprendizado na escola, e inclui leve atraso mental, debilidade, e fraqueza mental. E um F90 de transtornos hipercinéticos que são um grupo de transtornos caracterizados por início precoce (habitualmente durante os cinco primeiros anos de vida), onde o indivíduo tem uma falta de perseverança nas atividades que exigem seu envolvimento cognitivo, e uma tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar nenhuma, associadas a uma atividade global desorganizada, incoordenada e excessiva (Fonte: MedicinaNET).

O termo autista foi usado pela primeira vez, na Psiquiatria, por Plouller em 1906, que na época estudava o processo de pensamentos de pacientes com esquizofrenia. (GAUDERER, 1993).

Segundo o mesmo autor, para a National Society for Autistic Children o autismo é definido como: uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos que meninas. É encontrada em todo mundo e em família de qualquer configuração racial, étnica e social.[...].

Os sintomas incluem: 1. Distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas; 2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo; 3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado. 4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida. A pessoa portadora de autismo tem uma expectativa de vida normal. Uma reavaliação periódica é necessária para que possam ocorrer ajustes necessários quanto às suas necessidades, pois os sintomas mudam e alguns podem até desaparecer com a idade. (GAUDERER, 1993, pág. 3, 4).

O aluno é bem participativo em aula, quando aparece nas mesmas, pois nesse caso é ligeiramente influenciado pelos seus desejos, e a família compactua com suas vontades, mesmo sendo uma criança com 9 anos de idade. Voltado no seu mundo próprio, tem características de um menino doce, muito carinhoso, e sente falta algumas vezes de uma interação maior com os outros alunos (já chorou e reclamou da professora, porque foi excluído na hora do intervalo pelos outros colegas).

Uma criança que não é agressiva, nem rebelde, mas se for contrariado ele se revolta (uma vez chegou a correr e saiu da escola e foram busca-lo já nas ruas das imediações), mas na sala de aula sempre está com as mãos cheias de brinquedo não interagindo por completo, nem nas atividades nem com os colegas de sala a não ser em momentos em que os outros cheguem a ir olhar seus brinquedos.

A professora pedagoga, especialista em Psicopedagogia, tenta sempre de todas as formas inseri-lo no processo de aprendizagem, chegando em algumas vezes a realizar atividades somente com o próprio aluno (ensinando passo a passo de algumas coisas, inclusive o seu próprio nome), mas encontra barreiras pelo fato de comandar uma turma muito numerosa de 33 (trinte e três) alunos e a mesma disse que é impossível sempre fazer isso.

Em conversa com a professora a mesma diz que encontra essa dificuldade no processo de inclusão, afirmando que ainda está bem distante essa teoria da pratica, pois os professores não recebem nenhuma formação para inserir esses alunos nas aulas regulares, sabe que tem que incluir, mas ninguém diz como, o fato de ler muito e procurar sempre estar em processo de conhecimento leva para ela uma vantagem em poder conseguir aprender, mas esse fato de incluir no ensino regular sem um acompanhante (que a escola não tem) se torna dificultoso, e também o fato dele faltar muito dificulta os aprendizados que ele vai adquirindo em sala de aula (relatou que faltou 1 mês de aula e o nome dele que sabia fazer hoje não sabe mais, que ele sente dificuldade em pegar no próprio lápis).

Os pais (nesse caso a tia) deveriam estar mais presente nesse processo de aprendizagem/acompanhamento da criança. Para a tia, ele estando na escola já é o essencial, a mesma é bem ausente e já foi chamada diversas vezes inclusive para ter conversas com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e não compareceu, e sempre compactua quando ele não quer vir a aula, se o mesmo diz que sente algo no corpo (dores), a tia volta com ele para casa, já chegou a acontecer de chegarem na porta da sala de aula e haver esse retorno. Não há um auxilio no fato da compreensão de não levar brinquedos para a escola (já aconteceu de abrir pacotes de figurinhas com o mesmo na sala), até que foi reclamada pela professora.

Nota-se também que, em casa não há um incentivo para ele enquanto aos estudos, lições de casa, e das tarefas passadas na escola, e também a mesma não procura um cuidador por parte do município para auxilia-lo na sala de aula, que pela Lei 8014/10, que acrescenta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei9.394/96) é direito do aluno ter um acompanhante, e o CID (CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO DA DOENÇA) F90 (diagnosticado no aluno) diz que ele necessita de um cuidador com ele em sala de aula, mas a tia não busca esse auxílio, segundo a professora por não achar importante gastar tempo indo atrás desse auxílio.

**METODOLOGIA**

Essa pesquisa é de caráter descritiva e com abordagem qualitativa, usando como métodos a observação, relatos e conversas e intervenção junto com a professora e o aluno do estudo, como base nos relatos das atividades desenvolvidas no PCCC. De acordo com Godoy (1995, p. 21) considera que a “abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.”

A resolução CNE/CP n. 2, de 19 de fevereiro de 2002 institui duração e carga horária das licenciaturas 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular vivenciadas ao longo do curso distribuídas ao longo do processo formativo; em 1975, Valnir Chagas já chamava a atenção para esse aspecto de discorrer sobre essa questão – o momento da prática nos cursos de licenciatura.

A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito de ensino. Sendo a prática um trabalho consciente de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica. Assim, ela deve ser planejada quando a elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo a se estender ao longo de todo o seu processo (Parecer CNE/CP nº 28/2001).

Abordamos a escola de forma simples, como um simples aluno buscando respostas para suas dúvidas, ou melhor como um ser humano querendo entender sobre esse mundo de inclusão dos deficientes nas escolas, então, foram feitas perguntas a diretora, a professora, foram observadas aulas e por último foi realizada uma intervenção para entender como um aluno com deficiência se comporta quando inserido em atividades voltadas para ele mesmo, bem como o aprendizado e a interação dos demais alunos de sala ao se verem praticando uma atividade que não seria para eles que não possuem deficiência pela sociedade.

**EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: UMA PROPOSTA ABERTA A DIVERSIDADE**

A Educação Física Adaptada é a área da Educação Física que tem como principal objetivo a inclusão dos alunos com deficiência em suas aulas, em seus conjuntos de conteúdo, sejam eles jogos, brincadeiras, lutas, danças, esportes ou ginástica, pois na maioria das vezes esses indivíduos são excluídos por suas condições de deficiência.

Segundo Costa e Sousa (2004, p.79) a Educação Física Adaptada surgiu na década de 1950 e foi definida pela *American Associanton*, como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos e ritmos a interesses, capacidades limitações de estudantes com deficiência que não podem se engajar com a participação irrestrita, segura e bem-sucedida em atividades vigorosas de um programa de Educação Física Geral.

Na formação de Educação física licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) a forma de lidar com indivíduos com deficiência está restrita a somente uma (1) disciplina e no final no curso, o que mostra que não seria suficiente pois os alunos já tem passado por alguns estágios e disciplinas de vivências práticas que podem ter encontrado alunos deficientes e até o determinado momento não haviam tido nenhuma informação sobre como se trabalhar com esses alunos.

Não basta uma boa formação, é importante que se mostre desde o início os desafios que podem ser encontrados no percurso da formação, várias mudanças em toda a esfera educacional, pois assim como nem todas as escolas estão preparadas para receber os alunos com deficiência, os professores de Educação Física não estão preparados, então esses problemas deveriam ser resolvidos durante todo esse percurso de formação, e não somente no final do curso.

Não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar inúmeros procedimentos para remover as barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos (CIDADE E FREITAS, 2002). Segundo Darido (2003):

A Educação Física nas escolas, em meados da década de 1980, apresentou mudanças em suas concepções, em um processo que envolve diversas transformações. Dessa evolução participa também o princípio da inclusão, que exige modificações para que as escolas trabalhem com alunos com deficiência, juntamente com os demais alunos.

Já para Martins (1995), refere a “Educação Física Adaptada é um campo emergente da Educação Física, onde o professor deve ser paciente, observador e criativo”. Dessa forma a maneira de se pensar e agir do professor é muito importante, assim como os locais e materiais escolhidos para o desenvolvimento das atividades devem influenciar não somente nos conteúdos procedimentais, de ver como os alunos estão desenvolvendo as atividades, mas que influencie nos procedimentos atitudinais exigindo esse relacionamento pessoal e social entre o professor e os alunos sejam eles com deficiência ou não.

A Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação através da resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação e que prevê a atuação do professor de Educação Física com o aluno com deficiência (CIDADE,1998). Posteriormente surgiu o termo Educação Física Inclusiva que utiliza dos conceitos da educação física adaptada no contexto escolar.

Preparar-se é a melhor saída para se trabalhar com o processo de inclusão, que é um processo novo, e nem todos estão preparados para assumir esse desafio. Então, além de respeitar as características individuais dos alunos para obter êxito nas atividades e explorar o potencial dos mesmos, é necessário que as Universidades ofereçam mais disciplinas e cursos que preparem o Professor seja ele de Educação Física ou não para esse mundo que virão a ser inseridos, pois nenhum trabalhando no contexto escolar está isento de vir a trabalhar com a Educação Inclusiva.

**ENTRE ACHADOS E PERDIDOS: O PROCESSO DE INTERVENÇÃO**

O primeiro contato que nós tivemos ao procurar a escola foi no intuito de buscar informações sobre a presença ou não de alunos com deficiência na instituição e se os mesmos eram inseridos no ensino regular. Foi apresentado a proposta da atividade de Prática Como Componente Curricular (PCCC) à equipe Gestora da escola e concomitante a isso ocorreu a coleta de informações sobre a perspectiva da instituição sobre inclusão, onde pudemos ter contato também com a professora que realiza atividades com a sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), e logo em seguida com a professora do aluno em questão.

A intervenção foi preparada para ser realizada como uma espécie de ensaio ou formação de quadrilha junina devido ao período (data comemorativa) e tendo em vista que na semana seguinte os alunos não teriam toda a semana de aula pois teriam um recesso escolar. Nessa intervenção buscaríamos a participação e interação do aluno com os demais, já que a professora havia relatado sobre a exclusão que os demais alunos faziam com o mesmo nas horas recreativas, porém o aluno faltou à aula, e não teve o êxito tendo em vista que o objetivo era o trabalho com o aluno deficiente.

Em um outro momento diferente do horário da aula dos alunos ocorreu uma conversa particular com a professora, tendo em vista a curiosidade dos mesmos nos momentos de conversa em sala de aula, e também sobre o controle dos alunos que se tornava uma tarefa difícil. Conversa essa não muito demorada onde a busca foi por um pouco mais de informações sobre o aluno em relação aos demais alunos, com o pais (parentes), e com a escola, pois a mesma já tem um contato desde o início do ano letivo.

Foi desenvolvido a intervenção com os alunos em sala de aula. Nessa a ideia foi de algo lúdico que envolvesse o aluno por completo tendo em vista que som, cores e movimentos faz o mesmo voltar-se a participar. No início quando este foi convidado a participar não mostrou interesse, mas quando viu seus colegas de sala executando e se divertindo o mesmo começou a participar. Participou das cantigas como forma de aquecimento e teve o auxílio quanto a aprender os movimentos que o grupo deveria executar, bem como chegou a aprender os movimentos do grupo seguinte mostrando-se que se houver interesse de sua parte, seu grau de aprendizado pode ser alterado.

Porém, no fim da aula o mesmo já não quis mais realizar nenhum dos movimentos, se opondo a qualquer tipo de ajuda, pois viu que fora da sala já tinham alunos (de séries iniciais) que estavam indo receber o lanche, ali ele idealizou que teria que parar de executar e ir lanchar também, a professora explicou que não seria naquele momento, mas ele não quis mais participar do fim da aula que foi uma roda de conversa e explicações do porquê daquele tipo de atividade e onde queríamos chegar, e mesmo sendo incentivado pela professora e seus colegas, não houve mais a interação por parte dele.

Esta professora procura ter o contato direto com os alunos pois a mesma acredita que devido a numerosidade das outras turmas o desempenho para esses alunos talvez seja um pouco conturbado, ela prefere e é aconselhada que seja uma atividade individual, e segundo relatos ela se sente maravilhada por esse contato individual, onde consegue puxar mais deles, quando o contato é em sala de aula com os outros alunos, é como se a coisa desandasse. Além da escola possuir uma estrutura para receber esses alunos, busca sempre os acrescentar nas atividades pedagógicas do ano letivo, bem como datas comemorativas, etc.

Porém as aulas do 3ª ano matutino onde foram observadas, a sala é voltada para a pista, então o som ambiente do transito de carros (e carros de som) atrapalha em algumas vezes o aprendizado dos alunos, e sua atenção, bem como a escola se encontra também em frente a uma academia de musculação, e isso em algumas vezes chega a atrapalhar o rendimento, mas a professora tenta controlar o máximo quando se perde o foco da aula.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação docente é, portanto, muito precária em relação as formas de se trabalhar com alunos com deficiência, enquanto algumas não oferecem, outras como a Educação Física oferece no final no curso, já tendo passado por estágios supervisionados e encontrado os mais diversos alunos e suas diferenças. Como também o descaso em alguns órgãos públicos de não oferecer ajuda ao aluno, somente quando se é solicitado, o fato de fazer a estrutura da escola ser acessível não significa possibilitar acessibilidade durante as aulas com o professor e outros demais alunos.

O aluno do estudo está inserido em uma sala de aula regular, isso em si não possibilita a inclusão, inclusão deve partir de uma ideia de equidade, deixando mais justo para todos o processo de ensino-aprendizagem. Então deve-se pensar é uma formação contínua onde possibilite aos graduandos conhecimentos e vivências para se trabalhar com a deficiência de forma geral, bem como faz-se necessário que os órgãos públicos ofereçam treinamentos e estudos para os professores que não passaram por esse processo de aprendizado em suas formações.

Entende-se que muito ainda pode-se aprender sobre esse mundo das deficiências, principalmente, no ambiente escolar, onde tudo acontece, os conhecimentos, as dúvidas e os ensinamentos, mas foi observado que todos tem muita vontade de continuar aprendendo e mais ainda essa vontade de ajudar, dessa forma, essa pesquisa contribuiu não somente ao pesquisador mas também a escola, pois irão continuar buscado melhorias não somente para os alunos do ensino regular, mas também para aqueles que necessitam de uma atenção extra sejam quais forem as suas dificuldades.

Acreditamos, que esse processo de inclusão escolar não é um processo rápido, muito menos automático, é um desafio que se enfrenta a cada dia, mas, apesar das dificuldades encontradas, percebe-se que os professores acreditam que a escola regular é o principal caminho para garantir essa socialização de inclusão para todos. Sugere-se que os órgãos políticos invistam mais na educação inclusiva, na formação contínua dos professores de forma específica trabalhando essa inclusão, através de cursos e capacitações onde o conhecimento será o principal objetivo, esses órgãos devem se sentir responsáveis por essa melhoria do ensino.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.p.168.

BRASIL**. Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional**. Nº9. 394/96 de 20/12/96. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1996.

BRITO, Raull; LIMA, João. **Educação física adaptada e inclusão: desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência**. Disponível em: [http:<//revistas.unijorge.edu.br/corpomovimentosaude/pdf/artigo2012\_1\_artigo1\_12.pdf](http://revistas.unijorge.edu.br/corpomovimentosaude/pdf/artigo2012_1_artigo1_12.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2018.

CIDADE, R. E., FREITAS, P. S. **Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola.** Revista Integração. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Ano14. edição especial 2002 pg.26 – 30.

COSTA, Alberto Martins; SOUSA, Sônia Bertoni. **Educação física e esporte adaptado: historia, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e Perspectivas para o século XXI**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 7-160, maio 2004. (Temática Educação Física Adaptada). p. 27-42.

DARIDO, S. C., RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica.** Capítulo 1, p.3 - 21. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.

FAVERO Maria, SANTOS Manoel. **Autismo Infantil e Estresse Familiar: Uma Revisão Sistemática da Literatura.** Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2005. Disponível em: http:<//www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a10v18n3>. Acesso em 13 jul.2018.

FILUS, J. F, e MARTINS, J. Reflexões sobre a formação em educação física e a sua aplicação no trabalho junto às pessoas com deficiência. Curso de mestrado em educação, Maringá, V.15, p. 79-82,Ano 2004.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo**. [S.I]: Atheneu, 1993.

JUNQUEIRA, Juliana; BACCIOTTI, Sarita. **Educação física adaptada: as dificuldades encontradas peloas professores de educação física de campo grande/ms frente à inclusão.** Disponível em: [http:<//www.concoce.xpg.com.br/trabalhos/comunicacoes/educacao\_fisica\_adaptada\_as\_dificuldades\_encontradas\_pelos.pdf](http://www.concoce.xpg.com.br/trabalhos/comunicacoes/educacao_fisica_adaptada_as_dificuldades_encontradas_pelos.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2018.

OLIVEIRA, F.F. **Dialogando sobre educação, educação física e inclusão escolar.** *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires. N.51, ago. 2005. <http://www.efdeportes.com/efd51/educa.htm>

PRAÇA, Élida Tamara. **UMA REFLEXÃO ACERCA DA INCLUSÃO DE ALUNO AUTISTA NO ENSINO REGULAR***.* Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais(MG). 2011. Disponível em:http:<//www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-E-lida.pdf>. Acesso 13 jul.2018

RIBEIRO, Ítalo; DARONCO, Luciane. **Pratica pedagógica dos professores de educação física no processo de inclusão escolar.** Disponível em:

[https:<//repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/871/Ribeiro\_Italo\_Jose\_Alves.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/871/Ribeiro_Italo_Jose_Alves.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 28 set. 2018.

SASSAKI, K. R. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos***.* Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, R. K. **Terminologia Sobre Deficiência na Era da Inclusão**. Matéria publicada no livro de Weet Vivarta (coord): Mídia e deficiência. Brasília: Andi/Fundação banco do Brasil, 2003, p.160–165.

SERRA, Sonia. **Autismo: uma abordagem psicoterápica.** Disponível em:http:<//www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23\_pdf/19-AUSTIMOS%20UMA%20ABORDAGEM%20PSICOTERAPICA\_SONIA%20CALDAS.pdf>. Acesso em 12 jul.2018.

WILBA SAÚDE MENTAL. **Retardo mental e Transtornos de Comportamento Emocionais.** Disponível em: https:<//sites.google.com/site/wilbasaudementalcombr/retardo-mental>. Acesso em 16 jul.2018.